

Edmilson Gomes da Silva <sup>1</sup>

José Hermógenes Moura da Costa <sup>2</sup>

## EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO FILME ANNE FRANK NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO CONTEXTO DO PIBID EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PETROLINA-PE

### RESUMO

Este artigo analisa as contribuições do filme Anne Frank: Minha Melhor Amiga para o ensino de Sociologia no 1º ano do Ensino Médio, com base em atividades do PIBID em uma escola pública de Petrolina-PE. A proposta visa promover reflexões críticas sobre o nazismo, o autoritarismo e os direitos humanos na formação cidadã. As questões centrais envolvem o papel do filme na construção do pensamento crítico dos(as) estudantes, a atuação do PIBID na promoção de práticas pedagógicas democráticas e como essas experiências fortalecem o debate sobre regimes autoritários na sociedade atual. A metodologia articula o ensino de Sociologia com a educação em direitos humanos, utilizando o cinema como ferramenta didática. A exibição do filme impulsionou discussões sobre dominação política e autoritarismo, fundamentadas nas obras de Hannah Arendt (1989, 2001). O estudo também se apoia nas reflexões de Michael Pollak (1992) e Walter Benjamin (2012), destacando a importância da memória e da história na formação de sujeitos críticos e conscientes.

**Palavras-chave:** Ensino de Sociologia, PIBID e Cinema.

### INTRODUÇÃO

A escola constitui, historicamente, um espaço privilegiado para o debate crítico sobre a sociedade, suas estruturas e contradições. Diante dos desafios contemporâneos — como o avanço de discursos de ódio, o fortalecimento de práticas autoritárias, a banalização da violência e o silenciamento de memórias traumáticas —, torna-se imperativo consolidar práticas educativas comprometidas com a valorização da memória histórica, da dignidade humana e da formação de sujeitos críticos e atuantes.

Nesse contexto, o ensino de Sociologia revela-se como um campo fértil para a promoção de reflexões sobre os fenômenos sociais, possibilitando aos(as) estudantes

<sup>1</sup> Mestre em Extensão Rural da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf, [professoredmilsongomes@gmail.com](mailto:professoredmilsongomes@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, [hermogenes.moura@univasf.edu.br](mailto:hermogenes.moura@univasf.edu.br)





interpretar o presente à luz do passado e, assim, desenvolver uma consciência cidadã pautada na justiça social, nos direitos humanos e na resistência a todas as formas de opressão. Como afirma Arendt (2001, p. 23), “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele”, reafirmando a importância de práticas pedagógicas que formem cidadãos comprometidos com a transformação social.

Este artigo tem como objetivo analisar as contribuições do filme *Anne Frank: Minha Melhor Amiga* para o ensino de Sociologia no 1º ano do Ensino Médio, a partir de atividades desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola pública de Petrolina-PE. A proposta visa fomentar reflexões críticas acerca do nazismo, do autoritarismo e da importância dos direitos humanos no processo de formação cidadã dos(as) estudantes. Diante desse cenário, busca-se responder às seguintes questões:

1. De que maneira o ensino sobre o nazismo e o autoritarismo, por meio da obra *Anne Frank*, contribui para a formação crítica dos(as) estudantes do Ensino Médio nas aulas de Sociologia?
2. Qual o papel do PIBID na construção de práticas pedagógicas voltadas à democracia e aos direitos humanos no contexto escolar?
3. Como as experiências do PIBID em Sociologia favorecem o debate sobre regimes autoritários e suas implicações na sociedade contemporânea brasileira?

A experiência relatada consistiu na exibição do filme *Anne Frank: Minha Melhor Amiga*, seguida de uma roda de conversa, como estratégia para articular o ensino de Sociologia aos fundamentos da educação em direitos humanos. A atividade possibilitou a abordagem de temas como o nazismo, o antissemitismo, a intolerância e as formas de dominação política que marcaram o século XX.

A escolha do cinema como recurso didático-pedagógico buscou despertar nos(as) estudantes uma consciência crítica e sensível diante das violações de direitos humanos, promovendo a escuta ativa, o diálogo e a construção coletiva de saberes como formas de resistência. A partir de um olhar sociológico, procurou-se compreender como as representações da memória e da dor presentes na narrativa de Anne Frank contribuem para uma educação comprometida com a justiça social, a empatia e a defesa da democracia. Nesse sentido, dialoga-se com Freire (1996), ao destacar que a prática educativa deve ser entendida como um ato de libertação e conscientização, e com Halbwachs (2006), ao reconhecer a memória coletiva como elemento estruturante da identidade social e da formação cidadã.

## METODOLOGIA





Este estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza descritivo-interpretativa, fundamentada na análise da prática pedagógica desenvolvida no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A escolha dessa abordagem justifica-se pela natureza do objeto investigado, que envolve a compreensão das percepções, experiências e construções de sentido dos(as) estudantes diante de uma proposta educativa voltada à valorização da memória, dos direitos humanos e da resistência frente às violações históricas e contemporâneas.

A atividade pedagógica foi realizada com uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual de Petrolina-PE. A proposta consistiu na exibição do filme *Anne Frank: Minha Melhor Amiga*, seguida de uma roda de conversa em formato dialógico, com o objetivo de promover um espaço de escuta ativa, reflexão crítica e construção coletiva de saberes sobre o nazismo, o autoritarismo, o antissemitismo e as violações dos direitos humanos.

A metodologia articulou o ensino de Sociologia aos fundamentos da educação em direitos humanos, utilizando o cinema como recurso didático-pedagógico capaz de sensibilizar os(as) estudantes para questões históricas e sociais. As ações foram planejadas e executadas no âmbito do PIBID, buscando fortalecer práticas educativas que estimulem o pensamento crítico e a formação cidadã comprometida com a democracia e a justiça social. Nesse sentido, dialoga-se com Freire (1996, p. 25), ao afirmar que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, pois ensinar é também criar possibilidades para a construção do conhecimento crítico e emancipador.

Como instrumentos de produção de dados, utilizaram-se a observação participante, registros em diário de campo e anotações das falas dos(as) estudantes durante a roda de conversa. A análise concentrou-se nos discursos e reflexões produzidos pelos(as) alunos(as), a fim de identificar como a experiência contribuiu para a compreensão das formas de dominação política e para o fortalecimento de uma consciência histórica e cidadã.

A exibição do filme favoreceu a criação de um espaço de reflexão crítica sobre os impactos do autoritarismo e das formas de dominação política, em consonância com as análises de Hannah Arendt (1989) em *Origens do Totalitarismo*. Para a autora, o totalitarismo constitui uma nova forma de governo, distinta das ditaduras tradicionais, ao buscar o controle absoluto dos indivíduos por meio de mecanismos institucionais e da supressão da pluralidade. Essa ambição de dominação total, como destaca Arendt, pode tornar-se politicamente sedutora, revelando os perigos que ameaçam a liberdade humana. Em *Entre o passado e o*





*futuro* (2001), Arendt reforça a necessidade de compreender o passado como instrumento para a construção de juízos críticos no presente, prevenindo a repetição de regimes opressivos.

Para aprofundar essa compreensão crítica, este trabalho também se apoia nas contribuições de Michael Pollak (1992) e Walter Benjamin (2012), que destacam o valor da memória e da escuta do passado na formação de sujeitos conscientes e reflexivos. Nesse sentido, a proposta metodológica dialoga com os princípios freireanos de uma educação dialógica e emancipadora (FREIRE, 1996), compreendendo o ato de educar como um processo de conscientização e transformação. A articulação entre memória, história e resistência é ainda fortalecida pelos aportes de Maurice Halbwachs, ao reconhecer a memória coletiva como elemento estruturante da identidade social e da formação cidadã.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### MEMÓRIA, EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DO FILME *ANNE FRANK: MINHA MELHOR AMIGA*

À primeira vista, *Anne Frank: Minha Melhor Amiga* apresenta-se como um drama histórico de forte apelo emocional, combinando sensibilidade e dor na abordagem de temas delicados. Apesar de algumas limitações narrativas, a obra se destaca por resgatar a história real de Anne Frank a partir de uma perspectiva pouco explorada: o olhar de sua amiga de infância, Hannah Goslar.

Ao adotar essa narrativa, o filme amplia a reflexão sobre memória, resistência e as marcas deixadas pela barbárie, oferecendo um importante ponto de partida para o trabalho educativo em torno dos direitos humanos e da valorização da dignidade humana.

Essa abordagem dialoga com as reflexões de Hannah Arendt (2001), ao destacar a importância de compreender o passado como ferramenta essencial para formar juízos críticos no presente e prevenir a repetição de regimes totalitários. Nesse mesmo sentido, aproxima-se das contribuições de Michael Pollak (1992), ao reconhecer que a escuta das memórias silenciadas — sobretudo aquelas que narram experiências de dor e violência — é indispensável para a construção de sujeitos conscientes e comprometidos com a justiça e a democracia.

Assim, o filme, quando articulado ao ensino de Sociologia, constitui-se em recurso pedagógico potente para problematizar o autoritarismo, valorizar a memória histórica e fortalecer práticas educativas orientadas pela resistência e pela formação cidadã.





O longa apresenta a trajetória de Anne Frank sob o olhar afetivo de sua melhor amiga, destacando a forte ligação entre as duas antes e durante a perseguição nazista. Ao narrar a perda da infância e da liberdade dessas jovens judias, o filme evidencia os impactos devastadores do Holocausto, revelando como a violência autoritária destrói não apenas vidas, mas também vínculos afetivos e identidades culturais. Seu propósito central é preservar a memória **histórica**, provocar reflexões sobre os perigos da intolerância e do autoritarismo, e promover uma educação comprometida com os direitos humanos, a empatia e o respeito às diferenças.

Essa proposta dialoga com as análises de Hannah Arendt (1989), ao demonstrar como o totalitarismo corrói as relações humanas, anula a pluralidade e ameaça a própria existência da vida política fundada no respeito mútuo. Dessa forma, o filme constitui um recurso pedagógico potente para fomentar a consciência crítica e reforçar a importância da resistência frente a todas as formas de opressão.

**Tabela 1 – Personagens principais do filme *Anne Frank: Minha Melhor Amiga***

Personagem	Relação com Anne Frank	Caracterização
Anne Frank	Protagonista histórica	Jovem judia conhecida mundialmente por seu diário; retratada em momentos de alegria e sofrimento durante a Segunda Guerra Mundial.
Hannah Goslar	Melhor amiga	Protagonista do filme; sua visão sensível conduz a narrativa.
Gabi Goslar	Irmã de Hannah	Irmã caçula que representa a inocência infantil em meio ao contexto da guerra.
Ruth Goslar	Mãe de Hannah	Figura materna afetiva que também sofre as consequências da perseguição nazista.
Otto Frank	Pai de Anne	Responsável por preservar e divulgar o diário da filha após a guerra.

**Fonte:** Elaborado pela autor.(SILVA, 2025).

A tabela sistematiza os personagens fundamentais da narrativa de *Anne Frank: Minha Melhor Amiga*, evidenciando como as relações interpessoais e a experiência da guerra são mediadas por diferentes perspectivas. Anne Frank, figura histórica central, é retratada não apenas como símbolo de resistência, mas também como uma jovem comum, que vivencia momentos de alegria e sofrimento — aspecto que humaniza sua trajetória e aproxima o público de sua realidade.

A presença de Hannah Goslar como protagonista do filme é especialmente significativa: sua narrativa sensível permite que o espectador conheça Anne por meio dos





laços de amizade e solidariedade, ressaltando como as memórias individuais desempenham papel essencial na preservação da história coletiva. Assim, o filme enfatiza a relevância das relações afetivas na construção da memória histórica e no fortalecimento da resistência frente à violência e ao autoritarismo.

#### Descrição das obras:

Nome:	Duração:	Classificação o indicativa:	Gênero:	País:	Ano de produção:
Anne Frank, minha melhor amiga	01h:43min	14 anos	Drama Guerra Baseado na vida real	Holanda	2021

Obra	Macroárea - Temas Transversais	Temas contemporâneos sociólogos que este filme pode ser um argumento sociocultural
Anne Frank, minha melhor amiga	Intolerância; racismo e preconceito; autoritarismo e totalitarismo.	Racismo e xenofobia Autoritarismo e Intolerância política Violência e desigualdade social Refugiados e crises humanitárias

**Fonte:** Elaborado pelo autor. (SILVA, 2025).

A produção aposta no valor simbólico e histórico de uma história que “merece ser contada”, ao retratar a trajetória de uma jovem judia durante o Holocausto e sua permanência nos campos de concentração. Para Hannah Arendt (2001), a memória, a educação e a resistência estão profundamente entrelaçadas no campo da ação política e da responsabilidade ética. Por meio de uma narrativa sensível e marcada pela dor, o filme busca resgatar a memória de um dos períodos mais sombrios da história contemporânea, ao mesmo tempo em que convida à reflexão sobre os efeitos da intolerância, do autoritarismo e da violação dos direitos humanos.

A utilização do filme *Anne Frank: Minha Melhor Amiga* como recurso didático nas aulas de Sociologia constituiu-se como uma estratégia pedagógica relevante para a promoção de reflexões críticas acerca de eventos históricos permeados por violência, intolerância e práticas autoritárias. A obra, fundamentada em fatos reais, retrata os efeitos do regime nazista na vida de uma adolescente judia durante a Segunda Guerra Mundial, proporcionando aos(as) estudantes não apenas o acesso a conteúdos históricos significativos, mas também a







oportunidade de desenvolver uma compreensão mais ética, sensível e crítica sobre os direitos humanos.

Conforme destaca Arendt (2001), o papel da educação não é moldar as crianças para um mundo idealizado, mas prepará-las para assumir a responsabilidade por um mundo real, que precisa ser compreendido, julgado e, quando necessário, transformado. Nesse sentido, a educação configura-se como um ato político, no qual a transmissão da memória histórica torna-se essencial à formação do juízo crítico. Assim, a memória histórica é mobilizada como instrumento pedagógico e político de resistência, favorecendo a formação de sujeitos conscientes das implicações sociais das opressões do passado e de sua permanência em contextos contemporâneos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E A FORMAÇÃO CIDADÃ EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PETROLINA-PE**

A experiência desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola pública de Petrolina-PE, evidencia o potencial transformador da articulação entre teoria e prática na formação inicial de professores. Em *Pedagogia do Oprimido* (1996), Paulo Freire defende que a educação deve ser um ato de liberdade e não de dominação. Para ele, ensinar é um exercício de escuta, diálogo e conscientização, sendo verdadeiramente educativo apenas quando promove a autonomia dos sujeitos.

Ao inserir licenciandos no cotidiano escolar, o PIBID possibilita não apenas o desenvolvimento de competências pedagógicas, mas também a (re)construção de uma identidade docente pautada na ética, no compromisso social e na valorização do diálogo como ferramenta essencial para um ensino crítico, reflexivo e transformador. Nesse processo, a articulação entre ensino, pesquisa e extensão consolida-se como eixo estruturante da formação docente, ancorada na realidade escolar.

Com o objetivo de promover uma reflexão crítica e contextualizada, as bolsistas organizaram uma roda de conversa com estudantes do Ensino Médio a partir do filme *Anne Frank: Minha Melhor Amiga*, estimulando o debate sobre temas como preconceito, intolerância e direitos humanos. A escolha da obra como disparadora do diálogo reforça a importância da memória histórica como instrumento de formação cidadã. Nesse sentido, o pensamento de Walter Benjamin (2012) torna-se especialmente relevante, ao destacar que



escutar as vozes do passado — sobretudo aquelas silenciadas pela violência — constitui-se como forma de resistência e caminho necessário para impedir que a barbárie se repita.

Para compreender as contribuições do PIBID/Sociologia no contexto escolar, aplicou-se um questionário às três bolsistas do curso de Licenciatura em Ciências Sociais que atuam na escola pública parceira do programa. As questões buscaram identificar as estratégias utilizadas na mediação de práticas pedagógicas significativas, especialmente a partir do uso do filme *Anne Frank: Minha Melhor Amiga* como recurso formativo. As perguntas propostas foram:

1. Quais estratégias foram utilizadas para aproximar a história de Anne Frank das realidades vividas pelos(as) estudantes da escola pública?
2. Como vocês estruturaram a mediação do debate para garantir uma escuta ativa e participativa dos(as) estudantes durante a exibição do filme?
3. Qual a importância do filme *Anne Frank: Minha Melhor Amiga* como recurso pedagógico para a roda de conversa?

**Figura-1** Momento do debate e reflexão sobre o filme *Anne Frank: Minha melhor amiga*



**Fonte:** Elaborada pelo autor. (SILVA, 2025).

A partir da exibição do filme *Anne Frank: Minha Melhor Amiga*, as bolsistas do PIBID/Sociologia planejaram e mediaram atividades pedagógicas voltadas à abordagem do nazismo, do autoritarismo e das violações dos direitos humanos, promovendo um espaço de escuta ativa e reflexão coletiva com os(as) estudantes do 1º ano do Ensino Médio.







## Estratégias de aproximação da realidade estudantil

X Encontro Nacional das Licenciaturas

Ao ser questionada sobre as estratégias utilizadas para aproximar a história de Anne Frank das vivências dos(as) estudantes da escola pública, a bolsista 01 explicou que:

*“Durante a realização da roda de conversa, foram utilizadas estratégias que buscaram estabelecer conexões entre a história de vida de Anne Frank e as vivências cotidianas dos estudantes da escola pública. A abordagem partiu da discussão de temas como preconceito, racismo e exclusão social — questões que, infelizmente, ainda fazem parte do contexto de muitos alunos.”* (Relato da bolsista 01, 2025).

Essa mediação foi fundamental para que os(as) estudantes percebessem a atualidade das experiências históricas, associando-as ao contexto social brasileiro.

## Mediação dialógica e protagonismo estudantil

A bolsista 02 destacou que a mediação do debate foi planejada com base em estratégias de escuta sensível, estímulo à fala espontânea e valorização das experiências dos(as) estudantes, em consonância com a pedagogia freireana:

*“Planejamos a atividade com muito cuidado e sensibilidade. Inicialmente, reforçamos que aquele era um espaço seguro para compartilhar ideias, sentimentos e reflexões. A mediação foi conduzida com perguntas abertas que instigavam os estudantes a pensar criticamente, relacionando a história do filme com suas vivências e contextos atuais. Respeitamos o tempo de fala de cada participante e evitamos oferecer respostas prontas, priorizando o diálogo coletivo e a construção conjunta do conhecimento.”* (Relato da bolsista 02, 2025).

Essa prática reafirma o princípio de Paulo Freire (1996) de que “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando” e demonstra como a roda de conversa consolidou-se como espaço de empatia, diálogo e protagonismo estudantil.

## Impacto do filme como recurso pedagógico

Já a **bolsista 03** ressaltou o impacto emocional e reflexivo que a obra provocou nos(as) estudantes:

*“O fato de se tratar de uma história real, com personagens verídicos vivenciando situações de sofrimento, despertou maior empatia e envolvimento por parte da turma. Os estudantes se emocionaram, refletiram profundamente sobre os acontecimentos e demonstraram interesse genuíno, o que contribuiu significativamente para um debate mais autêntico, sensível e enriquecedor.”* (Relato da bolsista 03, 2025).

As rodas de conversa foram marcadas por relatos emocionados, análises críticas e interpretações sensíveis, nas quais os(as) jovens passaram a relacionar os eventos do passado





com a realidade brasileira contemporânea, especialmente diante de discursos e práticas que ameaçam a democracia e os direitos humanos. Essa apropriação crítica da memória encontra respaldo em Walter Benjamin (2012, p. 225): *“articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele foi’, mas apropriar-se de uma lembrança tal como ela relampeja no momento de um perigo.”*

### **PIBID como espaço de formação docente e resistência**

Essa vivência proporcionou aos(as) licenciandos(as) uma compreensão ampliada da prática pedagógica como ação política e formativa. A proposta, fundamentada na pedagogia freireana e na educação em direitos humanos, fortaleceu vínculos entre educadores(as) e estudantes, incentivou o respeito à diversidade e reafirmou a escola como espaço de resistência frente à banalização do mal, conforme alerta Hannah Arendt (1989).

Os registros em diário de campo e os discursos espontâneos dos(as) estudantes revelaram o impacto positivo da atividade na construção de uma consciência histórica e crítica. Muitos(as) relataram que, pela primeira vez, compreenderam a gravidade do Holocausto, a importância da memória histórica e a necessidade de lutar contra o preconceito, a intolerância e o autoritarismo contemporâneo.

Assim, a ação desenvolvida reafirma o papel fundamental do PIBID na formação de professores(as) críticos(as), reflexivos(as) e comprometidos(as) com uma educação libertadora e cidadã.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência demonstrou o potencial do ensino de Sociologia articulado à educação em direitos humanos para promover reflexões críticas no Ensino Médio. O uso do filme Anne Frank: Minha Melhor Amiga, aliado à roda de conversa, possibilitou compreender os efeitos do autoritarismo e da intolerância, conectando o passado às problemáticas atuais.

No âmbito do PIBID, a metodologia criou um espaço de diálogo e escuta ativa, fortalecendo a consciência crítica dos(as) estudantes e evidenciando a memória como ferramenta de resistência. A articulação entre cinema, memória histórica e práticas pedagógicas dialógicas contribuiu não apenas para o aprofundamento dos conteúdos sociológicos, mas também para a formação de sujeitos críticos, empáticos e democráticos.

O PIBID reafirmou-se como política pública fundamental na formação inicial docente, ao aproximar teoria e prática e fortalecer o compromisso ético-político dos(as) futuros(as)





professores(as). Assim, destaca-se a relevância de metodologias ativas que integrem cinema, escuta e memória como eixos estruturantes da aprendizagem.

Em tempos de ameaças à democracia e à liberdade, educar para a resistência é um ato urgente e necessário, pois, como lembra Pollak (1992), a memória coletiva é também um campo de disputas e silenciamentos, essencial para resistir ao esquecimento e à naturalização das violências históricas.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

